

***Trans Day NIGS 2010: uma proposta científica, artística e acadêmica de metodologia – ação no campo da transexualidade***<sup>1</sup>

Simone Ávila - Discente do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC)

Rosa Maria Blanca - Doutora em Ciências Humanas peça Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC)

Ana Paula Boscatti- Discente de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista de extensão do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC)

Rariulquer Oliveira - Discente de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista de extensão do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC)

Vinícius Kauê Ferreira - Discente de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista de Iniciação Científica do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC)

Virgínia Nunes - Discente de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia. Bolsista do PROCAD do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC)

Eixo temático 04 - Corpo, gênero, sexualidade e saúde

**Palavras-chave:** Transexualidade. Perspectiva *queer*. Manifesto.

**Key words:** Transsexualism. Queer Perspective. Manifest.

### **Resumo**

A transexualidade se fundamenta na não concordância entre o sexo biológico e o gênero pelo qual uma pessoa deseja ser reconhecida socialmente. As pessoas transexuais entendem que a não correspondência entre sexo e gênero requer a modificação de seu corpo mediante hormonização e cirurgias. Em 1987, a transexualidade foi incluída nos catálogos de doenças mentais como um “Transtorno de Identidade de Gênero”. As repercussões da medicalização e

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no V Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade ; I Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade ; I Encontro Nacional Gênero e Diversidade na Escola, realizado na DURG em Rio Grande em 25 a 27 de agosto de 2011, publicado em ebook. Disponível em : <http://www.pettercouto.com.br/ebook/index.html>

patologização da transexualidade se refletem diretamente na vida das pessoas transexuais, seja por torná-las “doentes” que precisam de um tratamento sobre o qual não detém nenhum poder ou controle, tendo de se submeter às decisões dos profissionais de saúde, seja por não permitir aos sujeitos viverem sua identidade de gênero como bem lhes convir. Embora o processo transexualizador tenha sido fruto das demandas do próprio movimento trans durante muitos anos no Brasil ainda precisa ser debatido e ampliado. Neste sentido, no campo ativista, foi criada a campanha internacional *Stop Trans Pathologization 2012* pela despatologização das identidades trans (transexuais e transgêneros) e pela sua retirada dos catálogos de doenças. O Núcleo de Identidades e Subjetividades – NIGS - se uniu a essa campanha, na perspectiva de que as pesquisas acadêmicas devem propiciar reflexões que produzam transformações sociais. O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma metodologia – ação na perspectiva *queer*, o manifesto visual *Trans Day NIGS 2010*, que provocou reflexões sobre a transexualidade e sua patologização. Apresentamos neste texto uma experiência vivida durante a primeira atividade acadêmica a favor da despatologização da transexualidade no Brasil através do manifesto visual como denuncia pública, e como recurso prospectivo e de resistência dentro da esfera acadêmica.

### **Abstract**

Transsexualism is based on the disagreement between biological sex and gender by which a person wishes to be recognized socially. Transgender people understand that no correlation between sex and gender requires modifying your body through hormones and surgeries. In 1987, transsexuality was included in the catalogs of mental illness as a "Gender Identity Disorder." The impact of the medicalization of transsexuality and pathological directly reflected in the lives of transgender people, either by making them "sick" in need of treatment over which he has no power or control, having to submit to the decisions of health professionals either by not allowing individuals to live their gender identity as well they fit. Although the process transsexuals was the result of the demands of the movement itself trans for many years in Brazil still needs to be discussed and expanded. In this sense, in the activist field, was established an international campaign called Stop Trans Pathologization 2012 for the depathologization of the trans identities (transsexual and transgender) and their withdrawal from the catalogs of diseases. The Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades - NIGS - joined this campaign, with the expectation that academic research should provide reflections that produce social change. This paper aims to present a methodology - in action in the queer perspective, the visual manifest *Trans Day NIGS 2010*, which triggered thoughts about transsexuality and its pathologization. In this text, we present an experience lived during the first academic activity in favor of depathologization of transsexuality in Brazil through the visual manifest as public denounces and as a resource for prospective and resistance within the academic sphere.

## **Introdução**

A transexualidade se fundamenta na não concordância entre o sexo biológico e o gênero pelo qual uma pessoa deseja ser reconhecida socialmente, ou seja,

*« as pessoas transexuais são aquelas que possuem ou vivem/representam uma identidade de gênero diferente da atribuída ao nascer, incluindo aquelas que por obrigação, preferência ou livre escolha optam por apresentar-se, através da vestimenta, acessórios, cosméticos ou modificações corporais de modo diferente das expectativas a respeito do papel de gênero atribuído ao nascer » (Balzer, 2010, p. 81).*

As pessoas transexuais entendem que a não correspondência entre sexo e gênero requer a modificação de seu corpo mediante hormonização e cirurgias (Coll-Planas, 2010).

Como a transexualidade faz parte da literatura psiquiátrica desde o século XIX, seguindo a mesma lógica da psiquiatrização da homossexualidade como uma patologia (Pelegrin e Bard, 1999), as discussões sobre transexualidade ocorreram sob a égide da psicopatologização, com suas conseqüentes repercussões sociais.

Sendo assim, pensar sobre a transexualidade na modernidade implica em considerar que vivemos uma época na qual os discursos sólidos e fixos que pretendem estabelecer verdades estão em processo de desintegração ou derretimento, como nos fala Bauman (2001). Os discursos médicos científicos que tentam há muito tempo explicar a transexualidade e influenciar a compreensão desta pelos próprios indivíduos não levam em conta a reflexividade, que permitiria o exame permanente e a reforma constante das práticas sociais (Giddens, Beck e Lash, 1997), incluindo nestas a vivência das transversalidades e diversidades de identidades de gênero.

Em 1987, a transexualidade foi incluída nos catálogos de doenças mentais como um “Transtorno de Identidade de Gênero”. As repercussões da medicalização e patologização da transexualidade se refletem diretamente na vida das pessoas transexuais, seja por torná-las “doentes” que precisam de um tratamento sobre o qual não detém nenhum poder ou controle, tendo de se submeter às decisões dos profissionais de saúde, seja por não permitir aos sujeitos viverem sua identidade de gênero como bem lhes convir ou, ainda, por não terem o

reconhecimento social, tornando-os vítimas de preconceitos e estigmas, ou reconhecimento legal da sua condição, principalmente no que se refere à dificuldade de adotar oficialmente o seu nome social, condizente com sua identidade de gênero.

Para realizar as cirurgias de transformações corporais de acordo com sua identidade de gênero (em transhomens<sup>2</sup> é construído um pênis – faloplastia - e em transmulheres é construída uma vagina – vaginoplastia), o sujeito transexual deve ser acompanhado em hospitais autorizados pelo Ministério da Saúde por uma equipe de saúde multiprofissional, que inclui médico endocrinologista, cirurgião, urologista, psiquiatra, psicólogo e assistente social. O período de acompanhamento é em torno de dois anos. Este período é considerado um período de avaliação do sujeito, a fim de definir se ele é um transexual “verdadeiro” e se está apto para as transformações corporais desejadas. Além das cirurgias, é prescrita a terapia hormonal.

### ***Campanha Stop Trans Pathologization 2012***

Embora o processo transexualizador tenha sido fruto das demandas do próprio movimento trans durante muitos anos no Brasil ainda precisa ser debatido e ampliado, tanto aqui como em outros países. Neste sentido, no campo ativista, foi criada uma campanha internacional pela despatologização das identidades trans (transexuais e transgêneros) e pela sua retirada dos catálogos de doenças, o DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*), da *American Psychiatric Association*, cuja versão revista surgirá em 2012, e o CID (Classificação Internacional de Doenças), da Organização Mundial da Saúde (OMS), que será revisto em 2014. Esta é a campanha *Stop Trans Pathologization – 2012*.

---

<sup>2</sup> Transexuais masculinos, ou seja, indivíduos nascidos mulheres que se identificam com o gênero masculino. A utilização de termos que definem o sujeito transexual não é consenso. Alguns estudos denominam o homem (sexo biológico) que se identifica com o gênero feminino de “transexual masculino” e a mulher (sexo biológico) que se identifica com o gênero masculino de “transexual feminino”. Essas denominações parecem levar em conta a primazia do sexo biológico sobre o gênero. Esta nomenclatura é muito utilizada nos meios chamados “oficiais”. Optamos por usar esta categoria - transhomem por três razões: a) porque nos agrada a tradução literal do francês “*tranhomme*” e do inglês “*transman*”; b) porque desta forma “transhomem” se torna um substantivo, que é a palavra com que se denomina, e não se “qualifica”, um ser ou um objeto, como é o caso do adjetivo. Ao usarmos “masculino” ou “feminino” após transexual (transexual masculino, transexual feminino), ao usar “transexual” após homem ou mulher (homem transexual, mulher transexual) estamos qualificando o sujeito; c) porque em uma lógica “polissexual”, nos parece adequado fugir dos binarismos já conhecidos, como por exemplo, homem/mulher, masculino/feminino. Da mesma forma, usaremos a categoria “transmulher” para nos referirmos às transexuais femininas, ou seja, homens que se identificam com o gênero feminino

Assumida até o momento por mais de cem organizações e quatro redes internacionais na África, na Ásia, na Europa e na América do Norte e do Sul, a campanha coordena uma mobilização internacional simultânea em mais de trinta cidades de dezessete países europeus e no continente americano.

O mês de outubro foi escolhido como o mês que marca a luta contra a medicalização e patologização das identidades trans ao redor do mundo. O Núcleo de Identidades e Subjetividades – NIGS - se uniu a essa campanha, na perspectiva de que as pesquisas acadêmicas devem propiciar reflexões que produzam transformações sociais. Neste contexto, nós, @s pesquisador@s do NIGS promovemos, em 2010, o *Trans Day NIGS 2010*, um manifesto visual e uma roda de conversa sobre a despatologização das identidades trans, da qual fizeram parte um representante dos transhomens, uma representante das transmulheres e duas pesquisadoras do NIGS. Na seguinte parte, desenvolvemos o *manifesto visual* como recurso acadêmico e ativista contra a patologização das identidades.

### **Manifesto Visual**

Como indica o dicionário da língua portuguesa *Aurélio*, o termo *manifesto* se refere a uma “declaração pública das razões que justificam certos atos”, ou ainda, que “fundamentam certos direitos”; é também o *patente*, o *evidente* (Ferreira, 2000, p. 444); tem como objetivo alertar para um *problema*. Trata-se de uma necessidade de comunicação pública, de fazer evidente um *problema*, um conflito e toma como forma de expressão o *manifesto*. É um trabalho artístico de expressão urgente. É a partir do conflito que se torna *patente* e que, portanto, se gesta *visualmente* como *evidência* do conflito, de tal maneira que o manifesto transita entre o textual e o visual. É por isso que, de acordo com o *Trésor de la Langue Française Informatisé* (TLFi, 1974/1994), um manifesto é uma declaração escrita e pública pela qual um governo, um ser humano, um partido ou uma corrente artística expõe um programa de ação ou posição, geralmente político ou estético.

A ideia de manifesto surge como uma necessidade de expressão corporal e artística. É uma reivindicação onde convive o político com o artístico. Coloca-se em questão um contexto e é imprescindível sua visualização, sua publicação. Existem registros que nos indicam que o conceito de manifesto aparece pela primeira vez no século XVI, como um derivado de

*manifesto* da língua italiana, que quer dizer denuncia pública. Manifestos são também discursos programáticos e prescritivos, que aspiram mudar realidades com palavras (Yanoshevsky, 2009). Trata-se de uma ferramenta revolucionária, de resistência. Quando nasce a necessidade de elaborar um manifesto, existe uma necessidade de trabalhar com uma linguagem que reivindique ou denuncie publicamente. Sabemos que atuar publicamente significa construir uma visualidade.

Sob estas premissas, construímos o manifesto visual como uma intervenção pública, montada no Hall do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Neste manifesto, foram articuladas questões metodológicas plásticas e conceituais mediante um dispositivo para justificar as interferências a partir de estudos *queer* e da arte contemporânea. O dispositivo plástico (Figura 1) consta de uma estrutura física de cabos de aço dispostos no hall do CFH. Projetados em forma de grade, encontram-se suspensos no primeiro andar deste prédio<sup>3</sup>, com a finalidade de servir como suporte para pendurar faixas de tecido TNT. Os cabos de aço são fixos, já os tecidos mudam de acordo com a intervenção. As faixas são penduradas nos cabos de aço, das mais variadas formas, presas com grampos coloridos, como se fossem lenços molhados pendurados para serem secados. O tecido fica liso, sem rugas.

As cores das bandas são as mesmas que a bandeira do arco-íris, também indicada como a bandeira da diversidade. Para as intervenções é apresentada cada cor separada uma da outra, nunca permanecendo juntas. A ideia é *abrir o espaço, atravessando-o*. Este é o objetivo principal de uma arte elaborada a partir de uma perspectiva *queer*. Em todas as ações o espaço é aberto no mesmo momento em que se atravessa. Impõe-se um contexto, mas não há uma luta antagônica. O que fazemos é escrever “palavras de ordem”<sup>4</sup> e imprimi-las; as cortamos e depois as fixamos sobre o tecido TNT. Os tecidos são pendurados nos cabos de aço. Para cada intervenção muda a disposição dos tecidos e, obviamente, as “palavras de ordem” (figura 2). A partir desta tecnologia é possível a *(re)produção de uma linguagem* que traduza as

---

<sup>3</sup> A Direção do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, a cargo da profa. Roselane Neckel, em 2010, solicitou que deixassemos este suporte para ser utilizado em futuras exposições e, atualmente, esta estrutura de cabos de aço faz parte do Hall do CFH/UFSC.

<sup>4</sup> Usamos a expressão palavras de ordem em um contexto de recriação e ressignificação do imaginário que circula ao redor do universo trans para criar novos deslocamentos de sentido a partir das frases propostas

demandas de Transexualidades e Contra a Patologização das Identidades<sup>5</sup>, exposta na última semana de Outubro e primeira de Novembro, também em 2010.



Figura 1: Vista do dispositivo  
Faixas TNT penduradas em cabos de aço (2010)



Figura 2 – Manifesto visual  
*Trans Day NIGS 2010* (2010)

<sup>5</sup> Atividade organizada por Simone Ávila e coordenada pela profa. dra. Miriam Pillar Grossi, coordenadora do NIGS/UFSC.

## Violência de gênero

O *Trans Day NIGS* foi convidado para participar nas atividades do Inter-Núcleos. Estas atividades do Inter-Núcleos, na UFSC<sup>6</sup> promoveram uma mesa redonda para discutir os desafios à implementação da Lei Maria da Penha. A atividade se inseriu na “Campanha 16 Dias de Ativismo pelo Fim de Violência Contra as Mulheres”.

No dia da mesa redonda e intervenção foram levadas fotografias de pessoas transexuais e transgêneros, além de uma faixa roxa, que foi montada no auditório onde seria realizada a atividade. Para a faixa que foi instalada no auditório escolhemos a cor do feminismo e selecionamos algumas das palavras de ordem que foram utilizadas na intervenção do *Trans Day Nigs 2010*. Foi configurado o enunciado: “*Por políticas públicas anti-discriminação trans*”.

Na mesa, articulamos um discurso sobre *violência de gênero*, frente às pesquisadoras e pesquisadores dos distintos núcleos convidados<sup>7</sup>. Primeiramente, problematizamos o universo trans. Refletimos sobre a distinção entre transexual e transgênero e argumentamos que existem trans que desejam que se conserve o prefixo *trans* para que possam se diferenciar das categorias de gênero. Argumentamos também que a violência contra as pessoas trans ocorre precisamente por atuarem fora das normas de gênero.

A opção trans é uma possibilidade de se deslocar do código binário masculino/feminino, homem/mulher, de não se submeter ao imperativo de gênero, para não ser julgado dentro dos moldes deste código. Isso é o que se refere o termo *violência de gênero*. Denominamos *violência de gênero* à ação brutal que se aplica a todas as pessoas que se deslocam da normatividade do código binário. Estão incluídas pessoas que se consideram mulheres, mas que decidem consciente ou inconscientemente agir com autonomia, independentemente das expectativas sociais e dos estereótipos do binário. Falamos também da

---

<sup>6</sup> Esta atividade foi realizada no Auditório do Centro Sócio-Econômico/ UFSC, no dia 25 de Novembro de 2010, às 18h 30min.

<sup>7</sup> Os participantes/convidados foram: Fernando Luiz Salgado da Silva, com o tema: *Uma pena e muitas prisões: por uma análise institucional de gurias em privação de liberdade*; Isadora Vier Machado, com o tema: *Uma discussão sobre violências psicológicas contra mulheres a partir da Lei Maria da Penha*; Maíra March Gomes, com: *Combinações policiais entre preto e rosa: reflexões sobre masculinidade e aplicação da Lei Maria da Penha em uma delegacia da mulher, criança e adolescente*; Rosa Blanca: *Exposição – Manifesto visual sobre Transexualidades e pela Despatologização das Identidades*. A coordenadora da mesa e organizadora foi a profa. Teresa Kleba Lisboa.

articulação entre direito e violência, de como a violência precisa do direito para poder ser exercida. Faz-se uma transposição das teorias de Judith Butler (2006), de como o direito produz os sujeitos que diz ou pretende representar.

Fizemos alusão à faixa roxa exposta na parede do auditório, abordando a necessidade de políticas públicas que enfrentem a *violência de gênero* direcionadas às pessoas que fogem do código binário. Defendemos o direito à não-pertença, pela liberdade de transitar de um gênero a outro, ou a nenhum. E assim terminou este manifesto visual.

### **Conclusão**

O manifesto *Trans Day NIGS 2010* permitiu fazer articulações entre as teorias trans e as reivindicações do campo ativista sobre a despatologização das identidades trans e as artes visuais do ponto de vista *queer*. O conceito de visualidade é um desdobramento do conceito de manifesto.

Os manifestos são declarações e reivindicações que sugerem propostas que colocam em questão contextos políticos de conhecimentos e usos do corpo. Pensar manifesto como conceito operativo é uma proposta que se gera a partir da prática, sendo uma prática artística e política gerada no trânsito inter e transdisciplinar, o que mostra que é possível articular o artístico com o político nas questões referentes às identidades trans, articulando os campos teórico e ativista numa relação inventiva.

As ressonâncias do manifesto no espaço acadêmico foram variadas, deste o espanto e desconhecimento do tema e do universo trans pelo público que circulava no hall do CFH, provocados pelas visualidades desconhecidas que saíram da sua invisibilidade, até o encontro entre pesquisador@s, acadêmic@s e ativistas que sustentaram este movimento de resistência. Deste modo, nossa proposta metodológica mostrou sua potência política/crítica, sua face de resistência e criação.

### **Referências**

BAUMAN, Sygmunt. *A Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

BALZER, Carsten. “*Eu acho transexual é aquele que disse: eu sou transexual*”. *Reflexiones etnológicas sobre la medicalización globalizada de lãs identidades trans a través Del ejemplo de Brasil*. In: MISSÉ, Miquel; COLL-PLANAS (Ed.) *El género desordenado – críticas en torno a la patologización de la transexualidad*. Barcelona-Madrid: EGALES, 2010

BUTLER, Judith. *Deshacer el gênero*. Barcelona: Paidós, 2006

COOL-PLANAS, Gerard. “Introducción”. In: MISSÉ, Miquel; COLL-PLANAS (Ed.) *El género desordenado – críticas en torno a la patologización de la transexualidad*. Barcelona-Madrid: EGALES, 2010

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio*. Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. *Modernização reflexiva – Política, tradição e estética na ordem social*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1997

LE TRÉSOR DA LA LANGUE FRANÇAISE INFORMATISÉ. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/tlf.htm>. Data de acesso: 04 abril 2010

PELLEGRIN, Nicole; BARD, Cristine. Femmes travesties: un « mauvais genre » - Introduction. *Clio. Histoire, femmes et sociétés*. N. 10, p. 2-8, 1999

STOP TRANS PATHOLOGIZATION 2012. Disponível em: <http://www.stp2012.info/old/en>. Data acesso: 04 set 2010.

YANOSHEVSKY, Galia. Three decades of writing on manifesto : the making genre. *Poetics Today*. Porter Institute for Poetics and Semiotics. Vol. 30. No. 2, p. 257-286, 2009